

## Teoria-ator-rede e práticas de pesquisa: Notas sobre alguns usos nas pesquisas em comunicação<sup>1</sup>

Actor-network-theory and practices of research:  
Notes on some uses in communication research

Israel Jesus Rocha<sup>2</sup>

Universidade Salvador (UNIFACS). Rua Solimões, 181, Saboeiro/Paralela,  
41180-385, Salvador, BA, Brasil. israelrochanet@gmail.com

---

**Resumo.** Nas duas últimas décadas, a teoria-ator-rede ganhou espaço considerável em diversos campos de pesquisa, sobretudo na comunicação. Devido aos desenvolvimentos atuais nas tecnologias de comunicação, um apelo aos conceitos da teoria emergiu produzindo achados interessantes sobre a área. Porém, por outro lado, muitos desses trabalhos sugerem pouca exploração dos potenciais da teoria para uma possível oxigenação das pesquisas. Neste artigo, procura-se explorar as limitações da literatura na área em forma de notas que indicam alguns problemas e possibilidades. Por fim, conclui destacando a importância de levar a cabo o projeto sugerido pela teoria-ator-rede de desdobrar agências através de relatos como um dos aspectos teórico-metodológicos mais relevantes para as pesquisas em comunicação.

**Palavras-chave:** Teoria Ator-Rede, pesquisas em comunicação, ANT, ontologias.

**Abstract.** In the last two decades, the actor-network theory has gained considerable space in various research fields, especially in communication. Considering current developments in communication technologies, an appeal to the concepts of the theory emerged producing interesting findings about the area. But on the other hand, many of these works suggest little exploration of the theory of potential for a possible oxygenation of research. In this article, we try to explore the limitations of literature in the area. This text on form of notes indicate some problems and possibilities. Finally, it concludes by highlighting the importance of carrying out the project suggested by actor-network theory to deploy agencies through reports as one of the theoretical and methodological aspects most relevant in communication research.

**Keywords:** Actor-Network Theory, communication research, ANT, ontologies.

---

### Nota explicativa como introdução

O objetivo deste artigo é discutir o modo como uma teoria que surge inicialmente em um subcampo das ciências sociais passa a ser apropriado por outros campos pode incorrer em diversos problemas teórico-metodológicos que precisam ser considerados por seus me-

diadores. Nesse sentido, ele segue um movimento de exposição dos pontos críticos seguidos por comentários no decorrer do texto, tomando forma de notas.

Precisamos, antes, deixar claro que não se pretende fechar as explicações e as interpretações sobre uma teoria, mas produzir mediações sobre um modo quase automático de

---

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido a partir de pesquisas parciais realizadas como pesquisador visitante do Medialab Sciences Po/Paris (2015-2016) através do Programa PDSE/CAPES.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia.

emprego de argumentos teóricos, por se tratar de uma teoria sobre a pluralidade de redes e atores. A motivação para tal surge de recentes leituras propostas por autores das áreas de pesquisa em comunicação que têm empregado a teoria-ator-rede, incluindo o autor deste texto, como precário (no próprio sentido empregado pela teoria) arcabouço teórico em suas pesquisas. Nesse sentido, não serão expostos os trabalhos atuais que serviram como parâmetro para a leitura deste artigo. Tal bibliografia pode ser consultada a partir dos descritivos: teoria ator-rede e comunicação nas bases de dados brasileiras.

Aqui, parte-se de uma experiência de descrição em uma pesquisa que adotou as indicações da teoria-ator-rede, que, necessariamente, procurou considerar como mediador o ainda escasso panorama de pesquisas na área de comunicação associados ao uso da teoria. Indicamos, então, na perspectiva de quem escreve aqui, que os textos também produzissem mediações na medida que abrem caminhos e fecham outros.

Outro ponto explicativo será o uso, primeiro do ANT, como sigla do termo em inglês *Actor-Network Theory*. Optamos por esse uso, e não como suas traduções usuais para o português empregam, sendo o TAR (Teoria Ator-Rede) o mais recorrente. Não há aqui um sinal negativo ao uso em português, apenas preferiu-se usar o termo ANT para preservar uma metáfora usada por Latour (2012) para expressar o trabalho de formiga (*ant*, em inglês) de uma pesquisadora que segue o árduo caminho de percorrer múltiplas associações e estabilizações do social. Ao mesmo tempo, o leitor(a) verá o uso de um hífen entre a palavra teoria e ator quando o termo estiver expresso. Não podemos esquecer o papel que a teoria, nesse caso, desempenha nos desdobramentos das associações e como as escolhas descritivas envolvem diretamente atos políticos daquilo que Latour (2004) chamou de povoar um mundo em comum.

Seguiremos com as seis notas. A primeira situa-nos em um aspecto básico muitas vezes ignorado nos estudos de comunicação, que é o modo como os achados da ANT estão relacionados diretamente com o campo no qual surgiu, nesse caso, os estudos de ciência. A seguir, procura-se relacionar a descrição e a proliferação de mediadores como um elemento chave na compreensão da teoria que é pouco explorado nas pesquisas em comunicação, mesmo que estas afirmem desdobrá-los. A terceira

nota discute o social, segundo a ANT, como uma noção que produz relatos ambíguos em comunicação. De qual social se fala quando se fala em social pela comunicação? Na quarta, procura-se discutir a noção de rede e o modo como ela pode facilmente ser misturada com outras noções derivadas das pesquisas em comunicação e mesmo das ciências sociais. Na quinta nota, discutiremos as múltiplas ontologias como uma forma de pensar as consequências dos achados da ANT para a própria teoria e, por fim, consideraremos a teoria-ator-rede como uma ant(i)teoria em seus aspectos teórico-metodológicos que indicam um deslocamento no próprio modo de pensar a comunicação e seus diversos desdobramentos.

### **Nota 01: a teoria-ator-rede surge em um campo disciplinar das ciências sociais, o extrapola, movendo junto seus problemas**

Banal afirmar que os estudos que compõem a teoria-ator-rede surgiram no campo disciplinar vulgarmente conhecido como *Science and Technology Studies (STS)*. Até aí, tudo bem. Mas esta primeira nota faz diferença quando começamos a empregar a teoria sem essa observação. Alguns dos pressupostos da ANT são derivados das descobertas feitas nas pesquisas que procuravam compreender o modo como a ciência e a tecnologia em alguma medida se relacionavam com a sociedade. Muitos trabalhos, dentre esses alguns escritos por Latour (1999), Callon (1989) e Law (2008), procuraram revisar muitos pressupostos assentados em tal campo. Mas esses autores, que publicaram seus primeiros estudos no campo no fim dos anos 70 e início dos anos de 1980, marcam apenas uma reviravolta na forma de abordar os fatos científicos e seus desdobramentos tecnológicos.

Muitos trabalhos surgiram de críticas aos argumentos clássicos já situados no campo. Um desses argumentos residia no modo como a ciência – e a tecnologia variavelmente como seu resultado – estavam relacionadas a um campo de algum modo autônomo em relação à sociedade. Inicialmente com Merton (1974), quando procurou compreender como a ciência se transformou em uma instituição social dotada de valores. Depois com Kuhn (2009), para o qual os valores que envolvem o trabalho do cientista fornecem visões e orientações na produção das teorias. Como não poderia deixar

de figurar, Bourdieu (1985) também formulou um trabalho sobre o campo científico a partir dos conceitos de *Campo* e *Habitus*, aplicados para compreender as dinâmicas sociais da ciência e suas lógicas de distribuição de poder.

Esses trabalhos considerados clássicos nos STS<sup>3</sup>, junto com outros, ajudaram a conformar um conjunto de pressupostos sobre o modo como a ciência se relaciona com a sociedade. Mas o problema parecia ser mais complexo, ao menos na forma como Bloor (2009) resolveu recolocá-lo. Um dos principais problemas expostos pelo *programa forte* desenhado por ele foi a possibilidade de tratar a ciência não como uma história dos vencedores, dos acertos, como produtos diretos da razão humana, mas também considerar os erros e problemas oriundos de sua produção como elementos importantes para a compreensão da ciência. O que antes era considerado como resultados de interferências de fatores externos à ciência, fatores sociais, psicológicos e outros, passou, a partir da noção de simetria proposta por Bloor (2009), a figurar como componentes interessantes da própria ciência.

Essa reapropriação dos problemas de pesquisa envolvendo os STS abriu uma gama de possibilidades interpretativas sobre a produção dos fatos científicos e uma série de trabalhos, agora mais orientados por uma perspectiva prática da produção do conhecimento, oxigenou as pesquisas no campo. Assim surgem os trabalhos publicados por Latour e Woolgar (1997), Knorr-Cetina (1983) e, mais adiante, Callon (1989) e Law (2005), com uma perspectiva mais etnográfica e uma forte tendência para pensar a produção dos fatos científicos como efeitos práticos de uma série de agências que perpassam o laboratório. Este, o espaço privilegiado de pesquisa nesse primeiro momento. Paralelamente aos trabalhos mais etnográficos, outros estudos seguiram a tradição delineada pelo programa forte. Entre eles, podemos destacar Collins e Evans (2010) e outros autores filiados à Escola de Edimburgo.

O princípio da *simetria*, um dos principais argumentos do *programa forte* de Bloor, foi traduzido em experiências etnográficas que ampliaram o sentido proposto inicialmente,

apontando para a necessidade de uma generalização daquele. Assim, Latour e Woolgar (1997) e Knorr-Cetina (1983), vão considerar que não apenas precisamos contar a história entre vencedores e vencidos na ciência, mas sobretudo considerar que a separação entre sociedade e natureza deve ser colocada a partir de uma simetria generalizada. Desse deslocamento, surgem infinitas outras possibilidades, que vão se desdobrar nos argumentos posteriores de Latour (2004, 2012) para questionar o que é o social quando a sociologia do social estiver a falar.

O que parece uma nova frente de postulados sociológicos ainda é resultado dos achados dos STS. Se observamos os temas ainda recorrentes tanto na teoria-ator-rede como na cartografia de controvérsia (um manual de acesso rápido à teoria), ainda vamos perceber que circulamos em torno de controvérsias, com privilégios para as que envolvem especialistas, redes sociotécnicas, grandes achados tecnológicos, entre outras coisas. As pesquisas já publicadas e em desenvolvimento no Brasil, que explicitamente organizam seus dados em torno dos passos teórico-metodológicos da teoria-ator-rede, traduzem essas particularidades. São pesquisas influenciadas a partir dos problemas colocados nos STS. O que reforça seu amadurecimento por aqui, por um lado, mas, ao mesmo tempo, indicam que os passos ainda são curtos no sentido de incorporar problemas complexos como a própria dinâmica da ciência e tecnologia em países como o Brasil.

Aqui surge o primeiro modo de diálogo com as leituras da teoria-ator-rede na comunicação<sup>4</sup>. Comumente, há um problema de explicitação da forma como não há consenso sobre os desdobramentos dos achados nos STS para as ciências sociais. Os resultados problemáticos não são reconhecidos como um aspecto central nas diversas formas de pensar o social. Uma consequência disso é que muitos autores que tendem a organizar suas pesquisas em torno dos desdobramentos da teoria-ator-rede pecam em perceber como a própria reflexão do que se considera como social tem implicações diretas sobre o modo como se organiza e apresenta os dados em uma pesquisa.

<sup>3</sup> Na literatura dos *science studies*, figuram muitos outros trabalhos que, por um problema de espaço, não serão considerados neste artigo. Ainda não existe uma vasta literatura em língua portuguesa sobre o assunto, mas alguns autores brasileiros já começam a se destacar com publicações oriundas dos estudos desse jovem campo de pesquisa. Para consultar mais sobre os estudos de ciência ver: Jassanoff (2004); Latour (2012) e Law (2004).

<sup>4</sup> Volto a reforçar que a escolha do campo da comunicação se deu pelo crescimento do uso da teoria-ator-rede na área e pelo trânsito supostamente mais fácil do autor do texto entre as ciências sociais e as pesquisas em comunicação.

Nesse sentido, muitos desses achados acabam por ser não desdobramentos de uma pesquisa que incorpora os argumentos da teoria e suas consequências, mas uma indicação de um fosso entre dados e quadro teórico. Há, portanto, uma questão para nós, pesquisadores: até que ponto tais pesquisas desdobram achados que tencionam o modo como usamos uma teoria? Ainda, em que medida não estaríamos essencializando os argumentos de uma teoria e apenas usando-os como maneira de performar endereços contrários aos próprios caminhos apontados pelos dados? Como afirmou Alexander (1986), não estaríamos sobre-determinando a teoria em relação aos dados? O que, nesse caso, seria um movimento contrário ao que pontua a ANT?

Ao não considerar os diversos problemas que emergem a partir dessa questão, muitos relatos de pesquisa oscilam entre essencializar a teoria e cometer pequenos deslizos com seus conceitos. Esses trabalhos tendem a ignorar o modo como a teoria-ator-rede já propõe, como exercício prático, uma ênfase no fazer próprio da pesquisa. E a consequência desse esquecimento é achar que ela precisa de um método para alcançar os dados. Então, muitos trabalhos apontam para a necessidade de incorporar um método de pesquisa, como se a própria teoria não já indicasse tais caminhos. Não se trata de fazer etnografias, ou modos de visualização usando cartografia de controvérsias, mas desdobrar, a partir de descrições, as ontologias e agências dos mais heterogêneos atores envolvidos em uma controvérsia. Ponto este que abre a próxima nota.

## **Nota 02: uma boa descrição multiplica os mediadores**

Em *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*, Latour (2012) destaca um dos componentes centrais para a compreensão do que significa fazer um trabalho baseado na teoria-ator-rede. Escrever bons relatos e multiplicar os mediadores é uma das principais contribuições metodológicas da teoria-ator-rede. Uma das críticas à teoria-ator-rede, que comumente seduz pesquisadores que dialogam com a teoria, é sua suposta falibilidade em lidar com análises. Nesses termos, muitas pesquisas que adotam os pressupostos de análise da teoria tendem a comprometer a descrição, procurando saltos explicativos, ignorando as dobras que a descrição permite.

*Quando definimos o controle de qualidade dos relatos da ANT, temos de ser bastante escrupulosos e constatar se realmente o poder e a dominação são explicados pela multiplicidade de objetos aos quais se atribui um papel capital e que são transportados por veículos empiricamente visíveis. Não será suficiente para nós considerar o poder e a dominação, por si mesmos, como o cofre misterioso onde está encerrado aquilo que movimenta os muitos participantes na ação (Latour, 2012, p. 123).*

E o argumento situa-se na questão entre produzir boas descrições no difícil trabalho de seguir os rastros das mediações e o salto explicativo dado para justificar a posição de analistas. Ao modo explicitado por Latour em *The Pasteurization of France* (1988) para o qual um dos efeitos da explicação é oferecer modos reduzidos, caixas explicativas com as quais fornecemos nossas análises, uma das prioridades seria, então, descrever, e não reduzir. O que aconteceria, então, coloca Latour, se não reduzíssemos algo a outra coisa (Latour, 1988, p. 157).

Essa recorrente crítica da natureza analítica da teoria-ator-rede situa-se sobretudo nas dificuldades que a teoria supostamente teria para explicar questões relacionadas ao poder e sua distribuição desigual entre os *actantes*. Pode indicar o movimento operado pelos atores em suas relações com outros como uma forma de perceber como o que chamamos de poder é construído e operado em termos práticos. Essa questão situa-se no modo como produzimos pesquisas e as divulgamos. Tendemos a considerar, sobretudo nas ciências sociais, mas também nas consideradas ciências sociais aplicadas, como a comunicação, que o pesquisador precisa empregar o salto explicativo para assim ter um ponto de vista. A descrição, nessa perspectiva, seria secundária e limitada.

O que então se sugere, com a teoria-ator-rede, é que uma boa descrição permitiria dobrar os diversos modos de compreender o social como processo, em feitura. Se abandonarmos a ilusão segundo a qual a descrição é secundária em relação à análise, passaremos a seguir os atores em seu trabalho de produzir diferenças. O fenômeno não é dado de antemão, mas precisa ser seguido, rascunhado, (re)ordenado. O trabalho do pesquisador situa-se mais em desenvolver as redes, os modos como os atores engendram seus mundos sociais e menos na tentativa de pensar os fenômenos de modo prévio. O que ocorre com muitas pesquisas em comunicação.

Nesse sentido, a questão colocada aqui é o modo como produzimos e fazemos nossos

próprios relatos dos problemas de pesquisa. Em pesquisas no campo da comunicação, são comuns e recorrentes os usos de dispositivos e conceitos que fecham a pluralidade de agências que perpassam as práticas pesquisadas sem, no entanto, mostrar, pela descrição, como esses dispositivos humanos e não humanos se envolvem em redes heterogêneas. E esse problema é recorrente nos trabalhos atualmente publicados em comunicação. Que, apesar de mencionarem o uso da teoria, pouco exploram as questões colocadas pela mesma.

### **Nota 03: o problema do social como associação e sua reificação**

Outro problema recorrente nas leituras realizadas para a compreensão da teoria-ator-rede na comunicação é o modo como a explicação do social para a teoria e seu emprego nas pesquisas apontam uma discrepância. O social, para os sociólogos da tradução, é o que precisa ser explicado, e não o que explica (Latour, 2012). Nesse sentido, só com a descrição dos atores e suas atividades diárias de estabilização e desestabilização de redes socio-técnicas que permite ao pesquisador revelar os diversos modos como esse social é sustentado empiricamente. E situa-se aqui os problemas recorrentes nas pesquisas.

O social ainda surge como elemento que explica, que fecha a questão, e não o que amplia, anima, sugere, aumenta, desloca. Isso aparece nas pesquisas que procuram pensar a teoria para compreender fenômenos como redes sociais, novos objetos tecnológicos e dispositivos, entre outros. Há poucas proposições e descrições sobre o modo como tais dispositivos produzem o social. Suas disposições, conexões, proposições, deslocamentos e traduções são substituídas por enunciados que a explicam a partir de exigências que os fecham em seus próprios termos. Nesse sentido, pouco são percebidas as dobras produzidas pelos atores que estão envolvidos em situações de controvérsia ou já estabilizados. Não há o esforço, sugiro aqui, dos desdobramentos necessários para ampliar as diversas agências. E poucos trabalhos apresentaram um esforço de desdobramento nesse sentido.

Uma dessas tentativas situa-se nos trabalhos escritos por Lemos (2013), em que alguns exemplos empíricos, como o caso das etiquetas dos uniformes, são descritos de forma em que muitos atores aparecem na controvérsia escolar. Entretanto, muitos outros trabalhos

pouco demonstram esses desdobramentos, apenas descrevendo o que é e quais os conceitos manipulados pela teoria. Separam, de um lado, como estão enquadrando o fenômeno, e do outro, o fenômeno, muitas vezes deslocados e sem articulação entre as partes no texto.

Uma das possibilidades aqui estaria em tentarmos compreender o modo como alguns objetos de pesquisa são mais interessantes para pensar em termos de ANT do que outros, mas, ainda assim, o problema permanece. Algumas pesquisas apontam como limite da teoria a sua dificuldade em lidar com problemas envolvendo pequenas escalas. Como pensar, por exemplo, interações entre pequenos grupos que trabalham com objetos não convencionais às descrições ANT. Apenas descrevendo, seguindo o modo como o social é sustentado. E muitos trabalhos deixam os aspectos da descrição em segundo plano, optando por generalizações a respeito do próprio uso da teoria.

### **Nota 04: as redes que a rede não encontra**

Um dos desdobramentos mais instigantes da teoria-ator-rede é o modo como podemos deslocar o sentido da noção de rede. E o que provoca muitos equívocos, sobretudo nos estudos de comunicação. A descrição básica de uma rede para a ANT não está em sua estabilização de modo físico. Aqui me refiro não apenas à materialidade da rede, mas também à sua virtualidade. Alguns estudos, sobretudo aqueles que envolvem redes sociais, tendem a usar o conceito como uma forma de criticar pesquisas que separam os espaços virtuais e físicos, mas continuam a reduzir a rede ao seu aspecto material. Ela precisa existir de alguma forma, seja no mundo virtual ou material ou nos deslocamentos de um para o outro.

No entanto, sugiro que o problema está no modo como a rede para a ANT muitas vezes pode ser confundida com redes físicas. Ao estudar uma linha de metrô, em algum momento, o pesquisador pode seguir e traçar os rastros deixados pelos atores e os mesmos sugerirem a presença da rede física. Os trilhos, os vagões, os funcionários, os equipamentos, todos esses componentes funcionam de modo a manter o sistema de transporte funcionando. Mas esse é só um aspecto do que pode ser a rede, e em nenhum momento ela pode ser reduzida a tal.

Se pensarmos em sistemas que extrapolam o espaço e tempo da linha a qual o pesquisador

está investigando, muitos outros atores ainda fazem agir aquela linha. Como então pensarmos os efeitos de regras e ações ocorridas em tempos diferentes se a rede precisa coincidir com seus modos físicos? Por esse exemplo, podemos pensar o modo como, em alguns estudos de comunicação, a rede é tomada como essa entidade que conecta atores heterogêneos. E uma forma de ampliar suas análises seria usar a ANT para mostrar a artificialidade de análises que apenas consideram o espaço virtual como ponto central. Recorrem, assim, ao mesmo problema. Considerar, como já foi dito, a rede como esse elemento que se confunde em sua materialidade e virtualidade.

A rede, se considerarmos os desdobramentos da ANT, seria mais os efeitos do modo como o pesquisador e os atores traçam rotas, linhas, metas, erros e tudo aquilo que permita conexões e alterações relevantes entre atores e o pesquisador. O papel de quem segue os rastros dos atores aqui é fundamental. É preciso fazer os atores, humanos e não humanos fazerem algo, falarem algo, mostrar caminhos, sugerir pontos recalcitrantes. Proposições.

O problema sobre o modo como os conceitos da ANT são usados pelos estudos de comunicação foi identificado por Bastos *et al.* (2014), quando apontou os limites entre a ANT e a análise de redes sociais. Em muitos casos, os sentidos de rede, que são diferentes nas duas abordagens, são confundidos e misturados. No entanto, o próprio estudo de Bastos *et al.* não desloca totalmente o problema ao apontar que sempre há intencionalidade nos atores na ANT, questão esta amplamente discutida pela teoria<sup>5</sup>.

Alguns aspectos que envolvem as possibilidades da ANT para os estudos de comunicação ficaram mais claros durante algumas pesquisas que desenvolvi sobre as práticas em Relações Públicas nos quatro últimos anos. Quase todos os estudos publicados em comunicação que adotam a teoria estavam centrados nos estudos das redes sociais, no mapeamento de controvérsias na rede, no monitoramento das mídias e nos dispositivos para *web*, entre outros. Descrições que não dimensionavam as possibilidades dos relatos ANT na comunicação, sobretudo em pesquisas sobre as práticas que não envolviam diretamente dispositivos comunicacionais.

## Nota 05: múltiplas ontologias: complexidade, multiplicidade e coordenação

Uma das consequências da ANT pouco explorada pelos estudos de comunicação relaciona-se com os modos pelos quais alguns autores exploraram os desdobramentos da ANT. Nesta nota, vamos explorar um dos pontos que tem produzido relatos interessantes pós-ANT. A ideia de múltiplas ontologias (Mol, 2002) é um desdobramento posterior aos estudos iniciais da ANT e pode ser considerado para pensar pesquisas na comunicação.

Uma das questões pouco resolvidas pela ANT e desdobrada por Mol (2002) relaciona-se ao modo como na teoria há uma centralização da rede sobre um ator, muitas vezes privilegiado pelo pesquisador, que, a partir dele, apresenta a extensão da rede. Esta se estende a partir de um ator que ocupava um ponto no centro. Essa crítica apareceu em vários trabalhos após a formulação inicial da ANT. Partindo das formulações metodológicas da ANT, Mol resolveu essa questão por caminhos diferentes. Procurou entender a arterioesclerose a partir de suas múltiplas *performances* em múltiplos espaços nos quais a mesma era atuada e compreender como práticas tão diferentes produzia uma unidade chamada arteriosclerose. Redes diferentes, atores diferentes e centros de análises diferentes contribuem, sobretudo no modo relatado pela autora, para a unidade da arteriosclerose.

Para Mol (2002), é essa multiplicidade que precisa ser compreendida. Como uma doença pode ser muitas e ao mesmo tempo uma. É a partir do trabalho de coordenação, pontua Mol, que é possível falar ao mesmo tempo de algo que é múltiplo e uno. Esse argumento da autora indica uma possibilidade para pensarmos o modo como diferentes redes que produzem diferentes versões de um fenômeno podem sustentá-lo, mantendo uma singularidade do mesmo. As implicações desse desdobramento para ANT e os estudos de comunicação situam-se no modo como essas múltiplas redes e suas relações podem ser descritas e suas consequências políticas para o próprio relato ANT. Para os objetos comunicacionais, as consequências políticas se ampliam

<sup>5</sup> A agência dos humanos e não humanos é concebida como a possibilidade de um ator produzir diferença no curso de ação de um outro ator. Nesse sentido, os autores da ANT deslocam o debate sobre agência centrado na discussão da intencionalidade, humana, nesse caso, para a produção de diferença (Latour, 2012).

pela tendência a reflexividade, como colocada por Giddens (1984), dos próprios dispositivos comunicacionais.

As consequências de pensar os desdobramentos dos estudos de comunicação a partir de uma perspectiva pós-ANT estão em estender as descrições propostas a partir da possibilidade de pensar a multiplicidade dos atores e das redes de forma coordenada. Com isso, Mol destaca que o múltiplo não se reduz ao plural, já que o pluralismo está relacionado, segundo a autora, ao perspectivismo, que é uma resposta que emerge contra o objetivismo. A ideia de realidades múltiplas implica conceber que a realidade é manipulada de muitas formas diferentes. Quando realizamos o trabalho ontológico, diferentes versões dos objetos aparecem. Por isso, para Mol (2002), é importante pensarmos em termos de *performance*, de intervenção e *enactment*<sup>6</sup>. Estes são esforços de aproximação de uma realidade feita e não observada. Aspecto que precisa ainda ser explorado nas pesquisas que envolvem ANT e comunicação.

#### Nota 06: ANT como ANT(i)teoria

A última nota deste artigo endereça algumas consequências de pensarmos a ANT como uma teoria. Até o momento, a referência a ANT como uma teoria não implicou em problemas. No entanto, indicaremos algumas possibilidades para pensarmos deslocamentos na maneira usual como a circulamos nas pesquisas em comunicação, produzindo diferenças que podem endereçar novas questões na área. Em *Actor-Network Theory and After*, essas questões são colocadas de maneira mais explícita. A ANT não pode ser vista e definida, como muitos estudos da comunicação adotam sem problemas, como uma entidade da qual usamos seus conceitos e automaticamente verificamos se eles correspondem ao que vemos nos dados. Ao que parece, muitos autores em pesquisas de comunicação seguem esse estilo. Explícito minha teoria e, talvez, no final, use os dados para confirmá-la, sugere-se como estilo.

Mas a multiplicidade da ANT coloca-nos diante da situação de pensarmos o modo como trilhamos e escolhemos redes com os atores ou a partir deles. Diferentes versões da ANT existem e mobilizam diversos aportes teóricos, analíticos, metodológicos e empíricos. E essa multiplicidade me faz crer que não há uma

indicação sobre uma metodologia que a complementa, pois aí ela estaria situada em modos que a tornam uma teoria. Antes, ela assemelharia a uma caixa de ferramentas que sofre com o próprio processo de manuseio. Atores sugerem, resistem, impõem rotas, e o pesquisador, como em uma negociação, precisa situar suas posições, suas rotas e desvios sugeridos pelo próprio fazer.

Uma das consequências desse modo ANT de desdobrar pesquisas são os achados consequentes ao uso em diversos contextos que demandaram uma revisão das diversas sugestões da ANT. E aqui mostramos como as ontologias múltiplas são um desdobramento da possibilidade do uso da teoria e as respostas negociadas entre o campo e o pesquisador. Nesse sentido, ela escapa ao *a priori* conceitual que muitas vezes aprisionam o objeto ao modo como queremos concebê-lo. O social ainda continua sendo social, e poucos mediadores foram ventilados e circulados.

#### Concluir com aberturas e mais problemas

Como Latour situou, em *Actor-Network Theory and After*, ANT não como uma teoria que trata do social como feito, mas um método pelo qual fazemos os atores deslocarem outros, produzir recalcitrâncias e manter esforços de estabilização do social a todo tempo. Não é uma teoria que fornece explicações. Exige mais um esforço de seguir os rastros deixados do que aprisioná-los em fórmulas explicativas já estabelecidas para solucionar os problemas. E uma boa pesquisa se traduz em um bom relato com muitos atores produzindo mediações.

*Um bom relato ANT é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores fazem alguma coisa e não ficam apenas observando. Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos do texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação. Tão logo sejam tratados, não como intermediários, mas como mediadores, os atores tornam visível ao leitor o movimento do social (Latour, 2012, p. 189).*

Um ponto fundamental tratado aqui foi os diversos deslocamentos necessários para produzir bons relatos que não apenas tragam ao mundo modos de uso de uma teoria, mas,

<sup>6</sup> Há diversos problemas quando se pretende traduzir o termo *enact*. Em uma tradução limitada, estaria relacionado ao atuar.

sobretudo, problemas que só a prática nos diversos campos podem colocar para a produção dos relatos. Assim como para Mol (1999), é preciso pensar o modo como múltiplas ontologias constituem a realidade, que não é única e dada. Ao contrário, emerge dos diálogos do pesquisador com as políticas que o campo empírico mobiliza.

Por fim, essas notas procuraram situar alguns pontos e seus desdobramentos para os estudos de comunicação que surgiram da forma a partir de recalcitrâncias produzidas pelos próprios atores. Na medida em que mobilizam, exige do pesquisador uma tentativa de compreender os modos pelos quais a pesquisa se mostra profícua enquanto relato que multiplica os envolvidos, seja em uma controvérsia fresca ou em uma tentativa de recuperar um movimento já sedimentado pelo trabalho dos mesmos atores. Ao mesmo tempo, pretendeu situar a forma como as escolhas nas pesquisas nem sempre revelam e extrapolam os programas de ação (para ficar com uma noção latouriana) concebidos como forma de agir na situação de pesquisa.

## Referências

- ALEXANDER, J.C. 1986. O novo movimento teórico. In: Encontro Anual da ANPOCS - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais, X, Campos do Jordão. *Anais... Campos do Jordão*. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_04/rbcs04\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_04/rbcs04_01.htm). Acesso em: 05/09/2014.
- BASTOS, M.T.; RECUERO, R.; ZAGO, G. 2014. Encontros e desencontros entre TAR e ARS: o laço fraco entre teoria e método. *Revista Contemporânea*, 12(3):576-594.
- BLOOR, D.K. 2009. *Conhecimento e imaginário social*. São Paulo, UNESP, 287 p.
- BOURDIEU, P. 1985. O campo científico. In: R. ORTIZ, *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, p. 122-154.
- CALLON, M. 1989. L'agonie d'un laboratoire. Genèse et circulation des faits scientifiques. In: M. CALLON (org.), *La science et ses réseaux*. Paris, La Découverte, p. 173-214.
- COLLINS, H.M.; EVANS, R. 2010. *Repensando a expertise*. Belo Horizonte, Fabrefactum, 241 p.
- GIDDENS, A. 1984. *A constituição da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 458 p.
- JASANOFF, S. 2004. *States of knowledge: the co-production of Science and social order*. London, Routledge, 307 p.  
<http://dx.doi.org/10.4324/9780203413845>
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. 1997. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 310 p.
- LATOUR, B. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador, Edufba, 399 p.
- LATOUR, B. 2004. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. São Paulo, Edusc, 412 p.  
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954x.1999.tb03480.x>
- LATOUR, B. 1999. On Recalling ANT. In: J. LAW; J. HASSARD, *Actor-Network and After*. Oxford, Blackwell and the Sociological Review, p. 15-25.
- LATOUR, B. 1988. *The Pasteurization of France*. Cambridge, Harvard, 273 p.
- LAW, J. 2005. *O laboratório e suas redes*. Disponível em: [www.necso.ufjf.br/Trads/O%20laboratorio%20e%20suas%20redes.rtf](http://www.necso.ufjf.br/Trads/O%20laboratorio%20e%20suas%20redes.rtf). Acesso em: 10/06/2008.
- LAW, J. 2004. *After Method: mess in social science research*. London, Routledge, 188 p.
- LAW, J. 2008. Actor-Network Theory and Material Semiotics. In: B.S. TURNER, *The New Blackwell Companion to Social Theory*. Oxford, Blackwell, p. 141-158.  
<http://dx.doi.org/10.1002/9781444304992.ch7>
- LEMOES, A. 2013. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo, Annablume, 310 p.
- KNORR-CETINA, K. 1983. New developments in science studies: The ethnographic challenge. *Canadian Journal of Sociology*, 8(2):153-177.  
<http://dx.doi.org/10.2307/3340124>
- KUHN, T.S. 2009. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 260 p.
- MERTON, R.K. 1974. Os imperativos institucionais da ciência. In: J.D. de DEUS (org.), *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 37-52.
- MOL, A. 1999. Ontological Politics: a word and some questions. In: J. LAW; J. HASSARD, *Actor Network and After*. Oxford, Blackwell and the Sociological Review, p. 74-89.  
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954x.1999.tb03483.x>
- MOL, A. 2002. *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. London, Duke University Press, 196 p.  
<http://dx.doi.org/10.1215/9780822384151>

Submetido: 12/05/2015

Aceito: 24/07/2015